

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho.
O Trabalho no Século XXI: Mudanças, impactos e perspectivas.**

São Paulo, 02 a 05 de Julho de 2013.

GT 01: Los trabajadores temporarios en la agricultura globalizada.

Título: Antigas e novas configurações do trabalho canavieiro no estado de Alagoas

Autores:

Profª. Dra. Alice Anabuki Plancherel (PPGS/UFAL) –

plancherel@uol.com.br

Lúcio Vasconcellos de Verçoza (Doutorando do PPGS/UFSCar) –

luciovercoza@yahoo.com.br

Charles dos Santos (Mestrando do PPGS/UFSCar) –

charlagoano@hotmail.com

ANTIGAS E NOVAS CONFIGURAÇÕES DO TRABALHO CANAVIEIRO NO ESTADO DE ALAGOAS

RESUMO SIMPLES

O presente artigo objetiva o estudo das reconfigurações do trabalho na agroindústria canavieira do estado de Alagoas, tendo em vista os impactos da reestruturação produtiva e o recente processo de mecanização do corte manual da cana de açúcar. Parte-se da hipótese de que a atual morfologia do trabalho canavieiro alagoano assume múltiplas variações e combinações, de tal modo que articula velhas e novas configurações laborais, sobretudo, sob relações de classe e de gênero. Objetiva-se ainda, levantar os impactos do embrionário processo de mecanização da colheita da cana no tocante ao recrutamento e deslocamento da força de trabalho empregada na parte agrícola dessa agroindústria. Para atingir tal escopo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com trabalhadores (as) canavieiros e outros informantes-chave. A pesquisa de campo foi desenvolvida em Teotônio Vilela e Ibatiguara, ambos municípios alagoanos.

RESUMO EXPANDIDO

OBJETO

O corte mecanizado da cana de açúcar constitui-se, na presente década, num crescente fenômeno, cujas dimensões se diversificam a depender das perspectivas com que nele se mira: de uma parte, dos benefícios ambientais antipoluentes que propiciará às populações e cidades instaladas nas cercanias dos canaviais e, de outra, das vantagens econômicas quanto à provável elevação da produtividade e da competitividade da agroindústria canavieira brasileira no mercado mundial. Simultaneamente, contudo, constitui-se também em um fenômeno com preocupantes consequências sociais, pois, na parte agrícola da atividade açucareira movimentam-se e laboram os sujeitos concretos sobre os quais se apoia e se erige a efetiva riqueza social dela proveniente; riqueza da qual, eles próprios e suas famílias, não se beneficiam à sua manutenção e reprodução material e simbólica.

Se o corte mecanizado da cana-de-açúcar processa-se, no estado de São Paulo, a largos passos já desde os anos 1990 e, de maneira mais célere a partir da década subsequente, em Alagoas, diversamente, o uso da maquinaria na colheita do principal produto agrícola do estado encontra-se, todavia, num incipiente – senão reticente – estágio de política agrícola por parte do capital agroindustrial canavieiro; enquanto no primeiro tal prática torna-se facilitada pelo fato do plantio daquela cultura ser realizado em áreas topográficas quase totalmente planas, por sua vez, neste último estado, do total da área plantada de Alagoas, apenas 61% têm aptidão à mecanização do corte (IBGE, 2006 *apud* TORQUATO; FRONZAGILA; MARTINS, s.d.). Ou seja, o limite técnico atual impossibilita que 39% da área plantada sejam cortadas mecanicamente.

As precedentes dessemelhanças, impondo, por seu turno, ritmos desiguais de desenvolvimento regional da atividade canavieira, organizam a própria configuração diferenciada dos respectivos mercados de trabalho, cujas especificidades, embora vinculando-se a determinações transcendentais às suas expressões empiricamente regionais, permitem-se traçar-se sob complexos e heterogêneos desenhos; nesse aspecto, um levantamento preliminar, ultimamente levado a efeito pela pesquisa de campo no estado de Alagoas, torna singular uma morfologia do trabalho, dada suas múltiplas variações e combinações, de tal modo a articular-se entre continuidades e

descontinuidades, entre velhas e novas configurações laborais, sobretudo, sob relações de classe e de gênero.

A nova morfologia do trabalho, em suma, sob os efeitos da reestruturação produtiva baseada na acumulação flexível, embora estudada por inúmeros pesquisadores mantêm-se, em Alagoas, ainda incipientemente investigada em suas manifestações concretas no universo canavieiro. Vale dizer, a configuração e reconfiguração recente do universo laboral impõe-se ao lume de novos paradigmas produtivos, organizacionais e de gestão dos sujeitos do capital e do trabalho; especificidades encontram-se ainda em processo de apreensão, haja vista partirmos da suposição que o capital produz e se reproduz sob circunstâncias específicas de cada país e, em seu interior, de cada região, condicionadas, pois, pela natureza da dominação política, pelas formas tomadas de desenvolvimento econômico, social e cultural. Temos ainda por suposto que, sem as características específicas recorrentes numa investigação, a inscrição histórica do processo de reestruturação produtiva sob a flexibilização da acumulação torna-as apenas corolários analíticos mais gerais, todavia, sem a real concretude em sua processualidade.

Algumas questões diretivas, na verdade, recorrentes numa investigação mais abrangente ainda em curso¹, apenas trazemo-las tangencialmente às presentes reflexões: como se entrelaçam, objetiva e subjetivamente, os elementos mais gerais característicos do atual período da sociabilidade capitalista com os mecanismos que intensificaram o uso da força de trabalho nos canaviais alagoanos? Considerando-se a composição desse universo laboral complexo e multifacetado, em que medida a socialização de trabalhadores rurais assalariados de distintas origens sociais e geofisiográficas torna-se, na prática, produzida e simbolicamente reproduzida pela nova racionalidade capitalista de produção enxuta e flexibilizada? Face às inovações organizacionais e gerenciais da produção e da sua respectiva força de trabalho, quais as tendências de um mercado laboral segmentado e fragmentado por mecanismos organicamente sistêmicos (produção por cota, remuneração progressiva e por premiação) vis-à-vis o acentuado processo de mecanização do corte da cana? E qual o significado das resistências dos canavieiros em meio às contradições vivenciadas?

¹ A investigação mais ampla ocorre no bojo do projeto de pesquisa *Novas configurações do trabalho nos canaviais. Um estudo comparativo entre os estados de São Paulo e Alagoas* (CNPq-Proc. 474696/2011-1 - Edital MCT/CNPq no. 014/2011-Universal), coordenado pela Profª. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCar).

OBJETIVO

Face o precedente, visa-se esboçar o desenho da atual morfologia do trabalho canavieiro no estado de Alagoas e, correlatamente em seus recortes subtemáticos, a divisão sexual do trabalho, a migração e a luta de classes. Objetiva-se ainda, levantar os impactos do embrionário processo de mecanização no corte da cana no tocante ao recrutamento e deslocamento da força de trabalho empregada na parte agrícola da produção canavieira, bem como as novas funções laborais dela derivadas – além das já observadas anteriormente –, assim como as continuidades e discontinuidades presentes na atual configuração do trabalho canavieiro, em Alagoas.

METODOLOGIA

Realizamos entrevistas semi-estruturadas com trabalhadores (as) canavieiros do município de Teotônio de Vilela/AL e Ibatiguara/AL com o intuito de recompor e compreender as mais recentes transformações no mundo do trabalho – e traçar um esboço da atual morfologia do trabalho. Além disso, colhemos narrativas que contribuíram para a reflexão sobre o mercado de trabalho e acerca das últimas greves e paralisações. Também entrevistamos outros informantes-chave, como um cabo (fiscal) e um trabalhador da área de recursos humanos de determinada usina alagoana. As entrevistas tiveram o áudio gravado. Ademais, realizamos revisão bibliográfica e consultas em fontes secundárias.

RESULTADOS

Do levantamento efetuado da pesquisa ainda em andamento, apreendeu-se que o mercado de trabalho canavieiro, no estado de Alagoas, apresenta especificidades, pois, a depender das possibilidades da mais recente mecanização na parte agrícola da produção agroindustrial canavieira com a introdução das colheitadeiras mecanizadas, se redimensiona adquirindo uma nova configuração ou mantém antigos métodos e respectivo conjunto de atividades características do corte manual.

O universo do trabalho da produção alagoana predominantemente açucareira não se restringe apenas à parte agrícola do capital agroindustrial canavieiro (proprietários igualmente das usinas e/ou destilarias), senão que se amplia, do mesmo modo, aos canaviais de fornecedores, a estes últimos, de cana-de-açúcar. Pelos sujeitos do trabalho denominados *particulares*, nos canaviais dos fornecedores, morfológica e parcialmente, acomodam-se os seus antagonistas, em geral, expulsos do mercado de trabalho formal (seja sob a forma *fichado* [ou *permanente*], seja sob a forma de trabalho temporário [ou *safrista*]) -, tais como as cortadoras de cana e aqueles de idade mais avançada e de menor resistência física (por conseguinte, precocemente excluídos).

Sob uma representação social específica – *clandestinos (as)* -, a relação salarial nos canaviais de *particulares* baseia-se na forma mais extremada de precarização, ou seja, destituída de qualquer proteção da legislação trabalhista, além de situarem-se à margem do controle do Ministério do Trabalho, ou seja, das inspeções por parte da Delegacia Regional do Trabalho, potencializando assim as condições insalubres de trabalho, posto a sua não obrigatoriedade de fornecimento dos EPI's.

Dada sua posição de “irmão pobre” do capital agroindustrial canavieiro, o capital fundiário, segundo o presente levantamento preliminar, exime-se da necessidade de introduzir colheitadeiras mecânicas em seus canaviais. A propósito, mesmo em canaviais sob a propriedade do grande capital agroindustrial canavieiro alagoano, a adoção do método mecanizado do corte da cana, por meio das colheitadeiras, desenvolve-se ainda de forma paulatina, diferentemente do dinamismo com que se processa no estado de São Paulo.

De qualquer modo, ao lado das novas atividades correlatas requeridas pelo processo de mecanização do corte da cana – condutores das colheitadeiras, mecânicos, operadores do carro pipa, etc –, sob uma moderna relação salarial, subsiste ainda antigas formas tradicionais de exploração e de dominação da força de trabalho canavieiro, tais como nos extintos bangüês, a exemplo dos cambiteiros, dos moradores da fazenda (de fornecedores) de cana-de-açúcar e dos cocheiros.

A despeito da morfologia do trabalho no universo canavieiro (quer seja do capital agroindustrial canavieiro, quer seja do capital fundiário) fundar-se no trabalho assalariado, sua configuração (ou reconfiguração), sob um mercado de trabalho que se redimensiona face a mecanização (simultaneamente subtraindo massivamente postos de trabalho e deslocando internamente as posições dos sujeitos do trabalho em um mesmo

espaço laboral, além de expulsar parcela para a condição de população excedente), conflui, contudo, para uma precarização similar em suas condições de vida e de trabalho. Todavia esse quadro não implica necessariamente em passividade dos canavieiros, pois, no bojo dessas transformações, os trabalhadores canavieiros vêm realizando um expressivo número de greves e paralisações nas últimas safras.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho**. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

CARVALHO, Cícero Péricles de Oliveira. **Análise da reestruturação produtiva da agroindústria sucroalcooleira alagoana**. Maceió: EDUFAL, 2000.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo : Edições Loyola, 1993.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**/Livro Primeiro, Tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

PLANCHEREL, Alice Anabuki; QUEIROZ, Allan Souza; SANTOS, Charles dos. O “canguru” no universo canavieiro alagoano: saúde e precarização do trabalho na agroindústria açucareira. . In: **Trabalho e Capitalismo Contemporâneo**. PLANCHEREL, Alice; BERTOLDO, Edna (Orgs). Maceió: EDUFAL, 2011.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. In: **Perspectivas**, São Paulo, v. 39, p. 11-46, 2011.

TORQUATO, Sergio Alves; FRONZAGILA, Thomaz; MARTINS, Renata. **Colheita Mecanizada e Adequação da tecnologia nas regiões produtoras de cana de açúcar**. Disponível em <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/855892/1/1SColheitaMecanizada/AdequacaoTecnologia> Acesso: 24 jun. 2011.
